

OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

THE INVISIBLE THREADS OF PEDAGOGY: WEAVING PEACE, SUBJECTIVITY, AND INNOVATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Elisângela Maura Catarino¹
Geovana Borges Viana²
Marcelo Máximo Purificação³

Resumo: Este artigo tem como objetivo central analisar as contribuições de abordagens pedagógicas humanistas, que integram dimensões como a religiosidade, a subjetividade, a criatividade e o pensamento crítico, para a mitigação da violência e a promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-conceitual, fundamentada em uma revisão bibliográfica do corpus de obras de Purificação e seus colaboradores, como Catarino, Santana, Pessoa Quadros, Ghiraldini e Teixeira. O foco de análise recai sobre a intersecção entre processos educativos, experiências subjetivas dos alunos e práticas docentes inovadoras, buscando identificar uma coerência teórica que aponte para uma pedagogia da sensibilidade. Os principais achados indicam que a "tríade" composta por escola, religiosidade e o sagrado (Purificação, 2017) funciona como um potente dispositivo simbólico para a contenção da violência. Adicionalmente, constatou-se que práticas criativas, como o desenho na infância, e o uso reflexivo da tecnologia, quando mediados por uma formação docente adequada, são ferramentas complementares na construção de um ambiente escolar mais humano e pacífico. Por fim, o ensino de filosofia revela-se crucial para a desconstrução de violências simbólicas, como as de gênero, preparando os alunos para uma convivência mais ética e respeitosa.

Palavras-chave: Pedagogia da Subjetividade; Tecituras da Paz na Escola; Inovação e Humanismo Docente; Triade Educativa Sagrada; Desconstrução de Violências.

Abstract: The central aim of this article is to analyze the contributions of humanistic pedagogical approaches that integrate dimensions such as religiosity, subjectivity, creativity, and critical thinking to mitigate violence and promote a culture of peace in the school environment. This theoretical-conceptual study is based on a literature review of the body of work by Purificação and his collaborators, including Catarino, Santana, Pessoa Quadros, Ghiraldini, and Teixeira. The analysis focuses on the intersection

¹ Pós-Doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC. Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Professora Titular C-3 no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. E-mail: maura@unifimes.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4185-8911>

² Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Membro do Núcleo de Estudo Pesquisa e Extensão Multidisciplinar – NEPEM. E-mail: Geovanaborges1705@gmail.com

³ Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra – UC. Doutor em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Professor C-3 no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. E-mail: maximo@unifimes.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4788-016X>



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

between educational processes, students' subjective experiences, and innovative teaching practices, seeking to identify a theoretical coherence that points toward a pedagogy of sensitivity. The main findings indicate that the "triad" composed of school, religiosity, and the sacred (Purificação, 2017) functions as a potent symbolic device for the containment of violence. Additionally, it was found that creative practices—such as drawing in childhood—and the reflective use of technology, when mediated by appropriate teacher training, serve as complementary tools in building a more human and peaceful school environment. Finally, the teaching of philosophy proves crucial for the deconstruction of symbolic violences, such as those related to gender, preparing students for a more ethical and respectful coexistence.

Keywords: Pedagogy of Subjectivity; Peace Weavings in School; Innovation and Teacher Humanism; Sacred Educational Triad; Deconstruction of Violences

INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo é marcado por uma complexidade que transcende a mera transmissão de conhecimento. A escola, como instituição social, enfrenta o desafio de responder não apenas às demandas cognitivas, mas também às angústias, conflitos e à busca por sentido que caracterizam a experiência humana, especialmente na juventude. Nesse contexto de múltiplas crises, a violência escolar emerge como um sintoma alarmante de um esvaziamento de significado e de laços comunitários. É nesse cenário que a obra de Purificação e seus colaboradores ganha relevância, ao propor uma reflexão profunda sobre os processos educativos que vão além do tecnicismo e adentram o campo do subjetivo, do simbólico e do sagrado como pilares para a construção de uma cultura de paz.

A problemática da violência não pode ser compreendida em sua totalidade se analisada apenas por suas manifestações físicas ou estruturais. É preciso mergulhar no universo subjetivo dos alunos, em suas crenças, medos e esperanças, para entender as raízes do conflito e os caminhos para a reconciliação. Purificação, Catarino e Quadros (2017) nos convidam a essa imersão, destacando que a percepção sobre violência e paz é profundamente pessoal e varia conforme a vivência de cada indivíduo. Ignorar essa dimensão subjetiva é correr o risco de implementar políticas de segurança que tratam apenas os sintomas, deixando a doença – a falta de sentido e pertencimento – a se alastrar silenciosamente. A escola, portanto, precisa redescobrir seu papel como espaço de acolhimento de corpos, almas e mentes.



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Diante desse quadro, o problema de pesquisa que norteia este trabalho foi formulado da seguinte maneira: de que maneira as práticas pedagógicas, ao incorporarem dimensões humanistas como a religiosidade, a criatividade artística e o pensamento filosófico crítico, podem contribuir efetivamente para a mitigação da violência escolar e a promoção de uma cultura de paz autêntica e duradoura? A questão central não é sobre se essas dimensões *devem* estar na escola, mas *como* elas podem ser articuladas de forma consciente e metodologicamente consistente para compor um projeto pedagógico transformador.

O objetivo geral deste artigo é, portanto, analisar a contribuição de uma pedagogia humanista, fundamentada nas obras de Purificação e colaboradores, como um caminho viável para o enfrentamento da violência e a consolidação da paz no ambiente escolar. Para tanto, busca-se mapear os conceitos-chave que conectam religiosidade, subjetividade, criatividade e crítica filosófica em um arcabouço teórico coeso. A hipótese que nos guia é a de que existe uma "tríade educativa" fundamental, que, quando reconhecida e trabalhada pelo educador, cria um campo de força protetor e propiciador de relações mais pacíficas e significativas.

Para alcançar o objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) examinar a concepção da "tríade" (escola, religiosidade e sagrado) proposta por Purificação (2017a) como mecanismo de contenção da violência e fomento da paz; b) investigar o papel das práticas criativas, como o desenho na infância (Ghiraldini et al., 2016), e da inserção crítica da tecnologia no ensino (Purificação & Pessoa, 2015) como ferramentas de engajamento e humanização; e c) analisar como o ensino de filosofia, a partir de mitos como o de Medeia (Costa & Purificação, 2017), pode instrumentalizar os alunos para a desconstrução de violências simbólicas e a promoção do diálogo.

A justificativa para este estudo reside na urgência de se encontrarem alternativas efetivas ao ciclo de violência que assombra muitas escolas brasileiras. Abordagens puramente punitivas ou de segurança têm se mostrado insuficientes. A proposta aqui analisada, ao centrar-se na formação humana e na ressignificação do espaço escolar, oferece um caminho profícuo que ataca as causas do problema. Além disso, a sistematização do pensamento de um grupo de pesquisadores coerente como o de Purificação contribui para o campo da Educação, oferecendo um referencial teórico



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

robusto para professores, gestores e pesquisadores que buscam uma escola mais sensível, humana e, por consequência, mais pacífica.

Metodologicamente, esta pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa, do tipo bibliográfico. O procedimento central foi a leitura analítica e a articulação dialógica entre os artigos fornecidos, buscando identificar não apenas pontos em comum, mas também as complementaridades e as nuances que enriquecem a compreensão do tema. Não se trata de uma simples compilação de resumos, mas de um esforço de síntese criativa, que visa construir um texto argumentativo coeso, demonstrando como as diferentes facetas da obra analisada – da religiosidade à tecnologia – conversam entre si para desenhar um panorama completo de uma pedagogia voltada para a paz e a subjetividade.

1. A Tríade Sagrada: Escola, Religiosidade e a Construção da Paz

A violência escolar, fenômeno complexo e multifacetado, exige uma compreensão que vá além da superficialidade de estatísticas e reportagens. Ela é, em sua essência, uma ruptura dos laços de confiança e respeito, uma manifestação do desamparo e da falta de perspectiva. É nesse ponto que a reflexão de Purificação (2017a) se torna fundamental, ao propor um olhar que transcende o campo estritamente pedagógico e adentra o território do sagrado. Para o autor, a escola não pode ser um espaço neutro, asséptico; ela precisa resgatar sua dimensão de lugar de significados, onde a vida é celebrada e a convivência é ritualizada. A ideia de uma "tríade" composta pela escola, a religiosidade e o sagrado surgem como uma arquitetura simbólica capaz de conter a violência e fertilizar a paz.

Nessa perspectiva, a escola é o primeiro vértice, o espaço físico e comunitário onde as interações ocorrem. No entanto, ela não é apenas um prédio, mas um "lugar" antropológico, um ecossistema humano. O segundo vértice, a religiosidade, não deve ser confundida com doutrinação religiosa específica. Purificação (2017a) a concebe em um sentido mais amplo, como a disposição humana para a transcendência, para a busca por conexões que superam o material imediato. É a dimensão do espírito, da fé em algo maior, seja ela a fé no outro, na humanidade ou no futuro. É essa sensibilidade religiosa que permite ao aluno enxergar no colega não um rival, mas um semelhante.



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

O terceiro vértice, o sagrado, é o que coroa a tríade. O sagrado é o que é inviolável, o que merece respeito absoluto. Na escola, o sagrado pode se manifestar na dignidade de cada aluno, no valor do conhecimento, na sacralidade do tempo de aprendizado. Segundo Purificação (2017a), "a escola, a religiosidade e o sagrado formam uma tríade [...] na contenção da violência escolar e na propagação da Cultura de paz". A violência, nesse sentido, é um ato de profanação, uma violação do espaço sagrado da convivência e do aprendizado. A proposta é, portanto, uma resacralização do ambiente escolar, não no sentido dogmático, mas no sentido de resgatar o valor e o reverência pela vida, o respeito a dignidade humana e pelo processo educativo.

Essa abordagem dialoga diretamente com a percepção subjetiva dos alunos sobre a paz e a violência. O estudo de Purificação, Catarino e Quadros (2017) revela que a vivência e a religiosidade pessoal são fatores determinantes na forma como os estudantes interpretam e reagem aos conflitos. Um aluno que possui uma referencial de fé, que enxerga a vida como um dom sagrado, tenderá a ter uma postura mais reativa contra atos de violência, seja ela física ou simbólica. A paz, para ele, não é apenas a ausência de brigas, mas um estado de espírito, uma harmonia interior que se reflete em suas relações. Isso reforça a ideia de que não há paz duradoura na escola se ela não for cultivada também no coração de cada aluno.

A escola, ao ignorar essa dimensão, se torna um terreno fértil para a indiferença, que são, em última instância, formas de violência. Quando o conhecimento é apresentado como algo utilitário e desprovido de beleza ou sentido, e as relações são pautadas pela competição e pelo individualismo, o vazio se instala. A proposta da tríade sagrada é uma possibilidade de mudança frente a essa situação. Ela sugere que a educação deve ser um ato de amor, de cuidado, de cultivo. O professor, nesse contexto, deixa de ser um mero transmissor de informações para se tornar um "guardião do sagrado", alguém que ajuda os alunos a perceberem o valor inestimável de si mesmos, do outro e do mundo ao redor.

É importante frisar que a "religiosidade" aqui proposta não exclui, mas inclui. Ela é uma linguagem universal da alma, que pode ser traduzida em diferentes crenças e filosofias de vida. O cerne da questão é o reconhecimento de que o ser humano é um ser incompleto, em busca de sentido, e que a escola, como instituição formadora, tem a responsabilidade de acolher essa busca. A paz escolar, então, deixa de ser uma meta burocrática a ser alcançada através de normas e regulamentos, para se tornar uma



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

consequência natural de um ambiente onde a vida é celebrada em sua totalidade, incluindo sua dimensão espiritual e transcendente.

A contenção da violência, nesse paradigma, não se dá pela repressão, mas pela oferta de alternativas mais significativas. Um jovem que encontra na escola um espaço para falar sobre seus medos, suas dúvidas existenciais, para celebrar a vida através de rituais compartilhados (seja um momento de silêncio, uma apresentação artística ou um debate sobre ética), tem menos propensão a buscar na violência uma forma de afirmação ou reconhecimento. A tríade funciona como uma rede de segurança simbólica, que ampara o indivíduo em sua jornada de formação, oferecendo-lhe um horizonte de sentido que o protege do desespero e da agressividade.

Portanto, a primeira grande contribuição do pensamento de Purificação e seus colaboradores é a reflexão sobre o conceito de educação. Educar não é apenas instruir, é humanizar. E humanizar significa reconhecer e trabalhar com todas as dimensões do ser humano, inclusive a espiritual. A escola que se aventura por esse caminho se transforma. Ela se torna um verdadeiro "centro do saber", um lugar onde a paz não é apenas ensinada como um conceito abstrato, mas vivenciada como uma prática cotidiana, fruto de uma comunidade que aprendeu a tratar a vida e o conhecimento como algo verdadeiramente sagrado.

2. Criatividade, Tecnologia e os Novos Desafios da Prática Docente

Se a tríade sagrada oferece o alicerce simbólico para uma cultura de paz, as práticas pedagógicas cotidianas são as mãos que constroem essa realidade. Nesse sentido, a obra de Purificação e seus colaboradores também nos oferece valiosas insights sobre como a criatividade e a tecnologia, quando bem articuladas, podem ser poderosas aliadas na humanização do ensino. A pedagogia da paz não pode ser um discurso vazio; ela precisa se materializar em ações concretas que engajem os alunos, despertem sua curiosidade e os capacitem para os desafios do século XXI. É aqui que a criação e a inovação tecnológica entram em cena.

O artigo de Ghiraldini, Santana e Purificação (2016) sobre as "(CRI)AÇÕES NA INFÂNCIA" nos lembra que o potencial criador é inerente à criança e que a escola tem o papel de nutrir, e não de suprimir, essa energia. O ato de desenhar, por exemplo, não é



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

meramente uma atividade de lazer ou de desenvolvimento da motricidade fina. Para as crianças, é uma forma de linguagem, uma maneira de dar forma e sentido ao mundo, de expressar emoções que ainda não conseguem verbalizar. O desenho é uma ponte entre o mundo interior e o exterior, um espaço de liberdade e autoconhecimento.

Quando a prática docente valoriza e utiliza procedimentos como o desenho como ferramenta de aprendizagem e expressão, ela está, na verdade, promovendo a paz. Por quê? Porque a criação artística é um ato fundamentalmente não-violento. É um processo de transformação da matéria (um papel em branco) em algo novo e significativo. É uma afirmação da vida, da capacidade humana de construir e não apenas de destruir. Ao dar espaço para a criatividade, a escola permite que os alunos canalizem suas energias, incluindo a agressividade, de forma produtiva e socializável, aprendendo a resolver conflitos de maneira simbólica e não física.

Além disso, a prática criativa desenvolve competências essenciais para a convivência pacífica, como a empatia, a escuta atenta e a colaboração. Um projeto artístico em grupo exige que as crianças negociem, dividam tarefas, respeitem as ideias dos outros e encontrem um propósito comum. São, em microescala, exercícios de cidadania e de paz. Ghiraldini et al. (2016) mostram que a prática docente sensível a essas potencialidades transforma a sala de aula em um verdadeiro ateliê de ideias e sentimentos, onde o erro não é punido, mas visto como parte do processo criativo, e a diversidade de expressões é celebrada.

Contudo, o século XXI trouxe um novo elemento a essa equação: a tecnologia digital. A inserção da tecnologia na educação é um tema controverso, muitas vezes visto de forma maniqueísta, ora como a salvação da escola, ora como sua ruína. O trabalho de Purificação e Pessoa (2015) sobre o ensino de matemática com tecnologia nos oferece uma visão mais equilibrada e crítica. Os autores não negam o potencial das ferramentas digitais, mas apontam para um grande desafio: a formação de professores.

A tecnologia, por si só, não garante uma educação melhor ou mais pacífica. Pelo contrário, se mal utilizada, pode aumentar o individualismo, a distração e até mesmo novas formas de violência, como o cyberbullying. O artigo de Purificação e Pessoa (2015) destaca que o principal obstáculo não é a falta de recursos tecnológicos, mas a falta de preparo dos docentes para integrá-los de forma pedagogicamente significativa. Um



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

professor que simplesmente substitui o quadro-negro por um projetor, sem repensar sua metodologia, não está inovando; está apenas trocando a ferramenta.

O verdadeiro desafio, conforme apontam os autores, é "aos programas de formação de professores" (Purificação & Pessoa, 2015). É preciso formar educadores que sejam não apenas usuários de tecnologia, mas críticos e criadores de ambientes de aprendizagem digitais. Professores que entendam que a tecnologia pode ser uma ferramenta fantástica para a colaboração (criar um blog em conjunto, por exemplo), para a pesquisa autônoma e para a expressão criativa (produzir um vídeo, um podcast). A tecnologia, quando mediada por uma pedagogia humanista, pode amplificar as potencialidades criativas mencionadas anteriormente.

Imagine, por exemplo, um projeto que una o desenho (Ghiraldini et al., 2016) com a tecnologia. As crianças podem desenhar uma história em quadrinhos sobre um conflito e sua resolução e, em seguida, digitalizar esses desenhos e criar uma animação simples para compartilhar com a escola. Nesse processo, elas trabalham a criatividade, a resolução de problemas, a colaboração e a literacia digital, tudo em prol de um objetivo comum: a construção de uma narrativa de paz. A tecnologia aqui não é o fim, mas o meio, uma ferramenta a serviço de um projeto pedagógico humanista.

Portanto, a conexão entre a tríade sagrada, a criatividade e a tecnologia se dá através da figura do professor. É o professor humanista, sensível à dimensão subjetiva e sagrada da educação, que saberá usar a criatividade e a tecnologia não como fins em si mesmas, mas como instrumentos para fortalecer os laços comunitários, desenvolver a empatia e promover uma cultura de paz. Ele é o mediador que garante que a inovação não se torne mais uma forma de violência simbólica ou exclusão, mas sim uma ponte para uma educação mais inclusiva, significativa e, por fim, mais pacífica.

3. Filosofia, Subjetividade e a Desconstrução das Violências Simbólicas

A paz na escola não depende apenas da contenção da agressividade física ou da promoção de atividades lúdicas. Há formas mais sutis e profundas de violência que corroem o ambiente escolar, muitas vezes de maneira silenciosa: as violências simbólicas. Estas se manifestam em preconceitos, estereótipos, discriminações e narrativas que legitimam a desigualdade. O artigo de Costa e Purificação (2017) sobre o ensino de



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

filosofia e o mito de Medeia nos oferece uma lente poderosa para analisar como a educação pode, ao mesmo tempo, reproduzir e desconstruir essas violências.

O mito de Medeia, com sua trama de paixão, vingança e transgressão dos papéis femininos, é um ponto de partida fascinante para uma discussão sobre o "lugar social da mulher". Ao analisar esse mito em sala de aula, o professor de filosofia não está apenas ensinando sobre a cultura grega antiga; ele está convidando os alunos a questionarem as estruturas de poder que, ao longo da história, têm determinado o que é esperado de homens e mulheres. A violência que Medeia comete é extrema, mas ela nasce de uma violência anterior e mais sutil: a violência simbólica de uma sociedade que a desampara, a humilha e a anula como sujeito.

O ensino de filosofia, nesse contexto, funciona como uma ferramenta de desnaturalização. Ele nos ensina que o que parece "natural" – como certos papéis de gênero, por exemplo – é, na verdade, uma construção social e histórica. Como afirmam Costa e Purificação (2017), ao analisar o mito, os alunos são levados a "pensar o lugar social da mulher", o que implica um exercício de empatia e de pensamento crítico. Eles são convidados a se colocar no lugar do outro e a perceber como as narrativas dominantes podem oprimir e silenciar certas vozes. Esse exercício é fundamental para a construção da paz, pois a paz não pode existir onde há opressão simbólica.

Essa violência simbólica está diretamente conectada à violência física que discutimos na primeira seção. Um ambiente escolar onde os estereótipos de gênero são reforçados, onde certos grupos são sistematicamente humilhados ou onde o preconceito é tolerado, é um ambiente onde a semente da agressão física está sendo constantemente regada. Agressões verbais, apelidos pejorativos, exclusão de grupos – tudo isso são formas de violência que, se não forem combatidas, podem escalar para atos físicos. A filosofia, ao nos dar as ferramentas conceituais para nomear e criticar essas violências, nos arma contra elas.

A filosofia nos ensina a argumentar, a dialogar, a fundamentar nossas opiniões e, o mais importante, a escutar o argumento do outro. Em um mundo de polarização e discursos de ódio, essa é uma habilidade fundamental para a paz. Uma discussão filosófica bem conduzida em sala de aula é um microcosmos de uma democracia saudável: diferentes pontos de vista são apresentados, criticados e defendidos com base



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

na razão, e não na força bruta. Os alunos aprendem que é possível discordar sem agredir, que o conflito de ideias pode ser produtivo e enriquecedor.

O trabalho de Purificação, Catarino e Quadros (2017) sobre a subjetividade na vivência da violência e da paz também se conecta a esse ponto. A forma como um aluno vivencia e interpreta um ato de preconceito, por exemplo, é profundamente subjetiva e pode gerar cicatrizes profundas. A filosofia, ao trazer essas questões para o debate, ajuda os alunos a darem nome a essas experiências, a compartilharem suas dores e a perceberem que não estão sozinhos. Esse processo de partilha e reflexão coletiva é, em si mesmo, um ato terapêutico e pacificador.

Portanto, a desconstrução das violências simbólicas através da filosofia é uma estratégia preventiva e humanizadora. Ela ataca a raiz do problema, desmantelando as narrativas que sustentam a opressão e a agressão. Ao ensinar os alunos a pensarem criticamente sobre o mundo e sobre si mesmos, a filosofia os capacita a serem agentes de transformação, capazes de construir relações justas e igualitárias. A paz que resulta desse processo não é uma paz imposta, uma trégua tensa, mas uma paz dinâmica, fruto do diálogo constante e do esforço coletivo por uma convivência digna para todos.

Ou seja, a análise do mito de Medeia, conforme proposta por Costa e Purificação (2017), é um exemplo paradigmático de como o conteúdo filosófico pode ser mobilizado para um fim pedagógico maior: a formação de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a paz. Ela demonstra que a filosofia não é uma disciplina abstrata e distante da vida real, mas uma ferramenta essencial para entendermos e transformarmos o mundo em que vivemos, começando pelo nosso próprio ambiente escolar.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, buscamos sistematizar e articular as contribuições de Purificação e seus colaboradores para a compreensão de uma pedagogia voltada à promoção da paz e ao enfrentamento da violência escolar. O objetivo geral de analisar as abordagens humanistas como caminho para a paz foi perseguido através do cumprimento dos objetivos específicos: examinar a tríade sagrada, investigar o papel da criatividade e tecnologia e analisar a função da filosofia na desconstrução de violências. A análise demonstrou que, embora tratem de temas aparentemente distintos – religiosidade,



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

desenho infantil, tecnologia no ensino de matemática e mitologia grega –, as obras analisadas dialogam de forma coesa e complementar, desenhando um panorama robusto de uma educação que tem na sensibilidade e na formação integral sua principal meta.

A principal contribuição deste estudo reside na construção de um arcabouço teórico unificado a partir da obra de Purificação e colaboradores. Ao conectar os pontos entre a "tríade sagrada" (Purificação, 2017a), as práticas criativas (Ghiraldini et al., 2016), a mediação tecnológica crítica (Purificação & Pessoa, 2015) e a desconstrução filosófica de violências (Costa & Purificação, 2017), este artigo oferece uma visão holística de uma pedagogia da paz. Tal visão supera abordagens fragmentadas e demonstra que a paz na escola não é alcançada por uma única "fórmula", mas pela articulação consciente de múltiplas práticas que, em conjunto, nutrem a subjetividade dos alunos e fortalecem os laços comunitários.

A contribuição prática é igualmente significativa. O artigo oferece aos educadores um repertório de conceitos e estratégias que podem ser adaptados a diferentes realidades escolares. A ideia de resacralizar o espaço escolar, valorizar a criação artística como prática de não-violência, usar a tecnologia de forma crítica e humanizada e empregar a filosofia como ferramenta de desnaturalização de preconceitos são caminhos concretos para professores que desejam ir além do currículo mínimo e se engajar na formação de cidadãos mais éticos e pacíficos.

Contudo, é preciso reconhecer as limitações desta pesquisa. Por se tratar de um estudo teórico-bibliográfico, suas conclusões são de natureza conceitual e carecem de validação empírica. A eficácia das estratégias aqui propostas precisa ser testada em campo, através de pesquisas de intervenção que analisem seus impactos reais na redução da violência e na melhoria do clima escolar. Além disso, o foco em um único grupo de pesquisadores, embora coerente, pode limitar a diversidade de perspectivas sobre um tema tão complexo.

Outra limitação a ser apontada é a delicada questão da "religiosidade" na escola pública. Embora Purificação (2017a) a conceba em um sentido amplo e ecumênico, sua aplicação prática pode encontrar resistências e desafios ligados ao princípio da laicidade do Estado. Pesquisas futuras poderiam explorar como essa dimensão da "tríade" pode ser traduzida para a linguagem da educação secular, talvez através de conceitos como



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

"espiritualidade", "ética do cuidado" ou "comunidade de sentido", de forma a ser mais amplamente aceita e implementada.

Como encaminhamentos para futuros trabalhos, sugere-se a realização de estudos de caso em escolas que já implementam práticas alinhadas a essa pedagogia humanista, buscando identificar os fatores de sucesso e os desafios encontrados. Outra via promissora seria o desenvolvimento de programas de formação de professores que integrem os eixos aqui discutidos – subjetividade, criatividade, tecnologia crítica e filosofia –, avaliando seu impacto na postura e na prática docente. Finalmente, seria valioso pesquisar a percepção dos próprios alunos sobre essas práticas, dando voz a eles para avaliar o quanto tais abordagens contribuem efetivamente para que se sintam mais acolhidos, seguros e capazes de construir relações pacíficas.

À guisa de conclusão, o percurso analítico aqui proposto, fundamentado na obra de Purificação e colaboradores, reafirma uma certeza: a paz na escola não é uma utopia distante, mas uma construção possível e necessária. Ela exige, no entanto, que ousamos ir além do óbvio, que olhemos para o aluno em sua totalidade – corpo, mente e espírito – e que reconheçamos na educação um ato de amor e de coragem, um compromisso com a vida e com o futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Elce Nunes Nogueira da; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; TEIXEIRA, Filomena Rodrigues. Ensino de Filosofia e o lugar social da mulher no mito de Medeia. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 6–14, 2017. DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v1i1.13. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/13>

GHIRALDINI, M. M. dos S., SANTANA, M. L. da S., & PURIFICAÇÃO, M. M. (2016). (CRI)AÇÕES NA INFÂNCIA POR INTERMÉDIO DA PRÁTICA DOCENTE COM OS PROCEDIMENTOS DO DESENHO. Caderno Pedagógico, 13(2). <https://doi.org/10.22410/issn.1983-0882.v13i2a2016.1121>

PURIFICAÇÃO, M.M. Processos Educativos e Religiosidade no Ensino: A Escola, Religiosidade e o Sagrado como uma tríade na contenção da violência escolar e na propagação da Cultura de paz. Revista Reflexus, v. 11 n. 18 (2017), p 521- 541. <https://doi.org/10.20890/REFLEXUS.V11I18.506>



OS FIOS INVISÍVEIS DA PEDAGOGIA: TECENDO PAZ, SUBJETIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

PURIFICAÇÃO, M.M; PESSOA, T., O ensino da matemática em meio à tecnologia: desafio aos programas de formação de professores. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 4, n. 2, 2015. DOI: [10.35819/tear.v4.n2.a1943](https://doi.org/10.35819/tear.v4.n2.a1943). Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1943>

PURIFICAÇÃO, M. M., CATARINO, E. M., & QUADROS, E. G. de. (2017). Violência Escolar e Paz numa perspectiva Subjetiva: um estudo a partir da vivência e religiosidade de alunos do último ano do Ensino Fundamental. ID on Line. Revista De Psicologia, 11(36), 327–342. <https://doi.org/10.14295/idonline.v11i36.795>